



ESCRITORIO DA REDACÇÃO
RUA DAS TRINCHEIRAS
NUMERO 34.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE MENSALMENTE A
RAZÃO DE 200 RS. PAGOS
NA ENTREGA.

*De Deus é maldição a ignorancia
Nas azas da instrucção ao céu subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

REDACTORES — OLIVEIRA ESCOREL E HENRIQUE CAPITOLINO.

❶ **ENSAYO**

RECIFE 20 DE SETEMBRO DE 1875

O Brasil, esta gigante nação, que altiva e magestosa se ergueu do seio do Atlantico, e que, embalada por suas ondas, parecia querer dormir eternamente, ignorada do mundo antigo, appareceu casualmente aos olhos de Cabral.

Sua infancia foi um martyrio horrivel!

Em poder de sua mãe desnaturada, muitas vezes estremeceu ao aperto convulso de seus braços tyrannicos e ao contacto frio de seus labios crueis, que n'um beijo fingido procurava sugar-lhe todos os thesouros e encantos, que tão profusamente lhe prodigalisára a natureza.

Amava-o, mas o seu amor tinha por movel o interesse.

Deu-lhe, porém, a religião santa do Calvario, que servio para mitigar-lhe os seus tormentos crueis, e salvou-o muitas vezes do abysmo á que o desespero o arrastava.

A instrucção, que lhe recusou dar, foram buscar no mundo europeu seus proprios filhos, e aninharam-n'a a par do Evangelho, nas vastas selvas americanas.

O resultado foi sublime!

A proporção que a instrucção, este balsamo suavizador do espirito, se foi infiltrando no povo brasileiro, apresentando-lhe aos seus olhos o bello panorama de uma nação civilisada e livre, o Brasil, á tantos annos prostrado em profunda degradação e aviltamento, cujos olhares já se annuviavam com o negro véo da morte, e cujo aspecto era o de um desgraçado agonisante sobre os braços da tyrannia, que buscava sevar

nelle a sua indole perversa e matar a sua grande avidez, foi pouco á pouco se reanimando, até que, erguendo-se por um esforço supremo, disse á face de todas as nações: — Sou livre, sou independente!

Sete de Setembro! Magestoso anniversario da independencia do Brasil, nós vos saudamos!

José Bonifacio, anjo tutelar do Brasil, prototypo da liberdade, pai da patria, Washington brasileiro, nós vos saudamos e admiramos.

Quando D. Pedro I, coagido pela vontade imperiosa do povo brasileiro, proclamou nas margens do Ypiranga a nossa independencia, este brado gigante repercutido de norte a sul, achou écho em todos os corações brasileiros; mas, quando arbitrariamente e por mero capricho e violencia elle dissolveu a assembléa constituinte e arvorou-se em proprio legislador, para o que não tinha jurisdicção, e impoz ao povo brasileiro o seu projecto de constituição, ordenando que lhe jurassem obediencia; ainda para gloria do Brasil ergueu-se Pernambuco, em nome da justiça ultrajada, e protestou bem alto contra este acto de arbitrio e prepotencia, proclamando-se com suas irmãs do norte em *Confederação do Equador*.

Tyrannia e despotismo era de sobra o da metropole.

Chamem-no muito embora rebelde e revolucionario, os homens sensatos o chamarão brioso e guerreiro.

E com effeito, cousa notavel!

Pernambuco, que ainda na infancia da nação brasileira, já luctava com a maior das potencias maritimas, em prol do sagrado di-

reito da liberdade; Pernambuco, que desprezado da metropole, não desanimava á frente dos potentes batavos, e com os seus poucos e exiguos recursos, luctou até quebrar os ferros da escravidão, que lhe algemavam os pulsos; Pernambuco, que em 1817, cinco annos antes do grito do Ypiranga, já se levantava proclamando a nossa independencia, e protestando com o sangue de seus briosos filhos contra o absolutismo e refinado servilismo que exerciam sobre nós os portuguezes; Pernambuco, finalmente, cuja vida foi um martyrio constante pela santa causa da liberdade, ergueu-se em 1824 contra a independencia que lhe offeicia Pedro I.

Pernambuco, prototypo de abnegação e heroismo, cujo sangue de seus filhos tantas vezes tingio a face dos vis algozes, que os immolavam a crueldade de seus despotas, teve ainda a coragem bastante para dizer á face de um monarcha, que queria firmar o seu solio em uma violencia, — recuso a vossa constituição.

E' que Pernambuco queria a independencia, mas não uma independencia escrava; queria liberdade, mas uma liberdade perfeita e não fundada no absolutismo e na tyrannia.

Ainda uma vez esta cidade foi theatro de crueldades e despotismos, o governo vencedor saciou sua colera nos vencidos, e Pernambuco pela terceira vez se sacrificou nas aras da liberdade.

« Convinha mesmo a resistencia, segundo imaginamos, diz um notavel escriptor, por honra e utilidade do Brasil, como escarmento ao despotismo, que se desencadeára, para que se não embalasse e illudisse com a ruinosa convicção de que em nenhum tempo e lugar encontraria opposição e rebate, maxime se pelo vezo depois tentasse cassar, ou alterar, por iguaes meios, e a seu unico arbitrio, essa mesma offerecida constituição: menos que supponhamos o Brasil indigno, e ainda incapaz de ser uma nação magnanima e livre. »

Infelizmente não chegou á tanto os beneficos effeitos do sacrificio de Pernambuco!...

Posto que fosse um forte golpe arrojado á hydra do absolutismo que se enroscava ao throno brasileiro, todavia não a matou, servio apenas para enfraquecel-a.

O correr dos tempos foi animando-a, a

baixeza de alguns de nossos homens politicos foi dando-lhe vida, e ja agora ella se ostenta arrogante, calcando e violando os mais sagrados direitos do nosso pacto fundamental.

E o Brasil tem assistido impassivel a violação de todos os seus direitos!

Onde a sua dignidade e soberania?!

Não queremos tirar a conclusão do escriptor citado. Como moços, que teem sempre no peito a esperanza, acreditamos ainda na regeneração da nossa patria.

A IMPRENSA ACADEMICA E O BRASIL

As idéas, que alentam o espirito de uma mocidade nimamente crente, de dia em dia expandem-se em toda a sua seiva original nessa linguagem universalmente communiada, que se chama—imprensa.

Entretanto—contrista-nos dizer—com esse elemento transcendental para o triumpho da imprensa, o qual representa a mais evada concretisação dessa grande idéa que se chama—verdade—, a mocidade hodierna não tem concorrido pela qualidade d'elle, e sim, e tão somente por sua mera quantidade!

A imprensa academica, em virtude da propria natureza do seu genero, tende á preencher, mediante a reforma ensinada e realisada, esse vacuo da sciencia, apenas preenchido pela nulla occupação do erro e do sophisma.

E é uma tal tendencia—a qual é ao mesmo tempo um dever—que, revestindo-se no seu curso regular dessa nobreza, que acompanha as virtudes—do patriotismo e da humanidade—, constitue para a imprensa o seu titulo mais glorioso—de attenção e obediencia.

A imprensa, portanto, tem uma tendencia, cujo exercicio—como o da de todo objecto—tem lugar no curso, que necessariamente ella segue; o qual será mais ou menos longo é laborioso, segundo os elementos, de que ella dispõe, são mais ou menos fracos e de uso commum.

Se, porém, o fundamento da imprensa deriva-se da necessidade do triumpho da verdade sobre o erro, evidentemente no mundo scientifico sobresahe a preponderancia do erro, que é a negação da verdade.

Deste modo a destruição do erro importa ao fim ideal de uma instituição; cuja unica actividade e esforço devem consistir principalmente no emprego dos meios possiveis de converter o fim ideal em concreto ou realisado.

Os meios de fazer valer a verdade—qualquer que seja o modo da sua manifestação, politico, social, religioso, scientifico afinal—constituem essa pesquisa attenta, intima, minuciosa das relações, que as cousas e os factos guardam entre si, mediante a qual seja obtida a conclusão—da possibilidade ou impossibilidade logicas da existencia de outras cousas e factos.

No primeiro caso a sciencia não faz mais do que seguir desembaraçadamente a sua marcha progressiva; no segundo, porém, a logica, que a dirige, exclue do seu seio aquelles erros, que só a superstição ou a ambição podiam elevar á altura de dogmas scientificos.

E' esta a verdadeira missão da imprensa: para a qual aliás—pedimos venias para dizel-o—a imprensa academica tem mostrado manifesta esquivança, fazendo deduzir de certos principios sociaes e juridicos—não sabemos porque processo logico—o prompto e immediato estabelecimento da republica brasileira.

Uma tal doutrina, fazendo-se proclamar em quasi todos os periodicos academicos, e em sua successiva publicação, senão depozeresse contra elles, pela falsidade

que encerra—em virtude da crença fanática dos seus autores—, pelo menos executa essa dolorosa missão, pela incansável continuação da sua consagração, que aliás deve ser banida de uma imprensa ilustrada e moralizada.

Entretanto, de diversas ordens são as provas, em que a república em geral, e particularmente no Brasil vai encontrar a sem razão do seu estabelecimento: além de outras, as de ordem theorica e pratica.

Com effeito: se o methodo da simplificação deixa após si a facilidade e a commodidade de vida, porque, por via delle, uma individualidade não deve resumir o povo, cuja soberania conserva-se entretanto inviolavel e segura?

A harmonia á par da belleza, e a facilidade á par da constitucionalidade, constituíam para um governo, assim instituido, uma legitima vangloria de felicidade.

Mas, se o idealismo ardente de uma mocidade fanática, ou o sordido interesse de uma *velhice* ambiciosa pretendem offuscar a luz dessas considerações, ontras e inabalaveis iremos encontrar nos factos, que são a expressão da vida.

Estes ou os costumes—dizemos nós, synthetizando o nosso desenvolvimento—repugnam a república, porque esta importa á sua violação, cujo conseqüente immediato é a mais desgraçada das mortes.

A imprensa academica, portanto, exprime para com o Brasil uma relação de desesperação e calamidade.

E ella, de cujo ensino depende o futuro brasileiro, devia pelo contrario crear no povo a esperanza da regeneração do systema representativo, pela victoria, que ella deve ajudar e applaudir, de um dos partidos constitucionaes—o partido liberal—, o qual parece aliás harmonisar-se com a república, fazendo do rei um representante da nação.

A. I.

HISTORIA PATRIA

ESBOÇO HISTORICO DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

POR
H. C.

PARTE PRIMEIRA

(Continuação)

CAPITULO III

EXPLORAÇÃO DO BRASIL.

Passado mais de um anno depois de sua descoberta, foi então que D. Manoel se lembrou deste precioso thesouro, e para exploral-o mandou á 10 de Maio de 1501 uma frota composta de tres caravelas, commandada por Americo Vespucio. Esta pequena expedição, tendo avistado terra perto do cabo de S. Roque, foi d'ahi costeando para o sul, vindo a conhecer pela sua extensão que a dita terra não era ilha, como até então era considerada, mas um immenso continente.

Esta expedição aportou a diversas partes da costa, recebendo de seus aborigenes acolhimento bom ou mau, conforme a diversidade de suas indoles e costumes. *

* « A esta frotilha se deve attribuir os nomes postos não só ao mencionado cabo (S. Roque), descoberto no dia 16 de Agosto, como tambem as seguintes paragens, em virtude dos dias em que, com o kalendario romano na mão, foram a ellas chegando os nautas; a saber: cabo de Santo Agostinho, rio de S. Francisco, cabo de S. Thomé, Rio de Janeiro, Angra dos Reis, ilha de S. Sebastião, portos de S. Vicente e da Cananéa e cabo de Santa Maria. » Varnhagen.

Em Maio de 1503 partio de Lisboa outra expedição, commandada por Gençalo Coelho, na qual ia tambem Americo Vespucio.

Esta esquadilha soffreu um naufragio em que se perderam quatro caravelas, chegando a Porto Seguro apenas duas, depois de terem aportado a uma ilha a que denominaram S. João, e que depois se chamou Fernão de Noronha, nome de seu descobridor e donatario, e de terem descoberto a bahia de Todos os Santos.

Taes foram os resultados da segunda exploração.

Depois destas duas expedições, Portugal entregou o Brasil ao esquecimento durante muitos annos, vindo simplesmente tocar em suas costas alguns navegantes, que de passagem iam para a India, e outros obrigados pelas tormentas. *

Em uma destas tormentas naufragou nas costas da ilha de Itaparica o celebre Diogo Alvares, cujas aventuras nos são bem conhecidas, e a quem Durão immortalizou com o seu poema—*Caramuru*.

D. João III, successor de D. Manoel, assustado com algumas expedições estrangeiras ás nossas praias, e com a noticia de uma que a França apparelhava, despertou do lethargo em que jazia, fazendo preparar uma esquadra, que, commandada por Christovão Jacques, partio de Portugal em 1528, e fundou no mesmo anno a feitoria de Itamaracá, tendo em vista impedir por este meio o trafico entre os estrangeiros e indios.

Depois desta expedição, D. João III enviou outra, de que foi commandante Martim Affonso de Souza, e cujo resultado foi a fundação das colonias de S. Vicente e Piratininga.

Por este tempo os armadores de Marselha se estabeleceram na mesma feitoria de Itamaracá, segundo o general Abreu e Lima, ou segundo outros na embocadura de um rio, que depois se chamou Iguaçu.

Os historiadores divergem sobre se a expulsão destes francezes foi obra de Pero Lopes de Souza ou de Duarte Coelho.

O historiador Varnhagen, que admite a primeira destas opiniões, explica-a pouco mais ou menos do modo seguinte:

Diz elle que Pero Lopes, ou porque tivesse conhecimento da existencia dos Francezes em Pernambuco, ou porque necessitasse de ir fazer aguada no porto em que elles estavam, o certo é que os bateu completamente, obrigando os a retirarem-se e guarnecendo a fortaleza, que elles haviam construido, com gente sua, ás ordens de Pedro Nunes, e que tendo o governo portuguez conhecimento da estada dos Francezes em Pernambuco, sem contudo saber de sua expulsão por Pero Lopes, mandara para este fim uma esquadilha capitaneada por Duarte Coelho, a qual com a chegada de Pero Lopes e por consequente da noticia da expulsão dos Francezes, em vez de seguir para Pernambuco, foi mandada cruzar na altura dos Açores.

Os que seguem a segunda opinião, explicam-na dizendo que tendo D. João III conhecimento da estada dos Francezes em Pernambuco, enviou em 1530 á Duarte Coelho, que tinha voltado da India, para expulsal-os; o que conseguiu batendo-os, assim como aos Indios seus alliados, no dia 27 de Setembro deste mesmo anno, fundando depois outra feitoria a que denominou *Iguarassu*, nome proveniente da exclamação—*Iguara-assu*—proferida pelos Indios á vista das naos portuguezas, e que em seu idioma significa *Canôa Grande*.

Em vista destas duas opiniões e das explicações, que dão a cada uma dellas, permanecemos na duvida de qual das duas é a verdadeira; todavia nos inclinamos mais á favor da segunda, já porque é seguida por maior numero de historiadores, já porque é muito de admirar e quasi incrível que, tendo sido esta expulsão feita por Pero Lopes, elle não o declarasse em seu *Diario*, em que se mostra tão minucioso. Todavia como

* Assim é que a costa de Pernambuco foi ainda explorada por Tristão da Cunha, por João Dias Solis, por Fernando de Magalhães e Ruy Falleiro.

diz o Sr Gama, tudo isto não passa de probabilidades, tudo são conjecturas...

Entretanto Portugal já dispensava mais atenção às suas possessões americanas, e lançava os primeiros fundamentos de sua colonisação.

Continuando as tentativas dos estrangeiros, D. João III resolveu dividir o Brasil em capitânias, cabendo a de Pernambuco a Duarte Coelho, em virtude de seus grandes serviços.

Agora, pondo de parte os successos particulares a cada uma dessas capitânias, só trataremos da de Pernambuco, objecto do nosso presente trabalho.

CAPITULO IV

CAPITANIA DE PERNAMBUCO.

Como dissemos, coube a Duarte Coelho a capitania de Pernambuco, cujo nome segundo alguns autores se deriva de *Paranabucu* —, palavra do idioma dos índios Cahetés, que habitavam este paiz, a qual significa *rochedo cavado das aguas do rio ou do mar*. *

O solo pernambucano, que, quando capitania, comprehendia 60 a 65 leguas de costa, desde o rio S. Francisco até o de Iguaressú ou Santa Cruz, offerece um aspecto delectavel e variado. Suas costas são protegidas pelos arrecifes, muralha de pedra, que a natureza ahi collocou para servir de paradeiro as impetuosas ondas. E' bello, é magestoso o panorama que apresentam estas ondas bravias, se arrojando com furia sobre essa forte muralha, quebrando-se e desfazendo-se em alvadias espumas.

« Nos dias de tempestade, as vagas irritadas investem com a penedia uniforme; e rugido como um tropel de leões titânicos, a sacudirem às estrelas as jubas arrepiadas de neve, galgam este obstaculo eterno, opposto a sua colera, e precipitam-se além do molhe, turbando as aguas tranquillias do porto, como invejosas dellas. »

E' Pernambuco um dos pontos mais fertil e abundante do Brasil! Situado debaixo de um céu limpo e puro; aclarado pelos scintillantes e resplandecentes raios de um sol tropical; banhado pelo magestoso e bravo oceano, que submisso lhe beija as plantas; coberto de uma vegetação rica e variada, onde admiramos saltitando pelos ramos frondosos de suas arvores collossaes uma variedade consideravel de aves de uma plumagem encantadora, que outr'ora servia de vestes e ornamentos aos nossos índios bellicosos; sulcado por uma rede consideravel de rios e regatos de aguas crystalinas e saudaveis, é o Pernambuco uma fonte inexgotavel de fertilidade e riquezas, um manancial precioso de todas as produções, um thesouro perenne e inextinguivel.

Perante um conjunto de tantas grandezas e magnificencias, a lyra inspirada do nosso poeta Durão não se pôde conter, e no augo da admiração e do enthusiasmo vibrou a seguinte estrophe :

« A oito grãos do Equinocio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa :
A pingue caça, a pesca, a fructa grata,
A madeira entre as outras mais preciosa ;
O prospecto, que os olhos arrebatava
Na verdura das arvores frondosas,
Faz que o erro se escuse a meu aviso
De crer que fôra um dia o paraizo. »

Ponhamos de parte, ainda por um momento, as regras que governam o historiador, e citeemos um pedaço da poetica prosa do Sr. Mendes Leal, em sua obra intitulada *Calabar*, descrevendo os prodigios, que obrou a natureza no solo pernambucano. Ouçamol-o :

« Terra nua, plano descoberto, não o havia. Apezar de adiantada a estação, um fôfo tapete de flores junca-

va a relva vasta e alta. Cintas odoríferas vestiam os troncos. As grinaldas florentes, baloiçadas suavemente pela aragem matutina, ondeavam suspensas dos topos mais elevados, sacudindo uma chuva de petalas cambeantes e perfumadas sobre as outras que jaziam. A floresta, povoada de rumores mysteriosos, cheia de cantos infinitos, graciosa na sua energia e potente na sua graça, sorria ao astro do dia, como quando sahira ornada das mãos do Creador. As mais bellas e antigas matas da Europa nem restrear podiam esta opulencia potente e ao mesmo passo feiteiceira.

« Era de um lado a sapucaya elegante, erecta como donzella que, na ardente atmosphaera do baile, presume ser a rainha da festa. Era do outro lado o beijoim, a jangada de tronco poroso e quasi recto, e a brahuna annegrada, avivando pelo contraste as trepadeiras que a vestem de côres brilhantes. Aqui o araçazeiro imitando a macieira na casca e na folha, com o fructo á feição de nesperas e maior do que estas. Allí o cajueiro, tão util e por tantos modos elevando-se até a altura das maiores figueiras, fazendo brilhar os fructos saborosos, agora compridos e vermelhos, logo redondos e almecegados, em outras variedades amarello e imitantes às peras, por entre uma folhagem densa como a da cidreira, alternada de ramusculos de flor como a do sabugueiro, e coroadas todas estas formosuras pelo frescor delectitoso da sua sombra, inapreciavel naquelle clima. Finalmente, acima de todas, dominando-as como o cedro domina os arbustos, o monarcha daquellas selvas, tronco verdadeiramente real, o maçaranduba preciso aos eppenhos, cujo cimo o tiro do caçador muita vez não pôde alcançar.

« Pensais que é tudo? Oh! não. Mas quem poderia resumir em um quadro comparativamente estreito essa variedade infinita que uma natureza prodiga alli accumula no espaço mais limitado? As fórmulas multiplicam-se, desde a folha lanciolata até aos pennachos magestosos da palmeira; destacam-se mil côres; confundem-se mil ramos; não é um jardim, é um prisma immenso; é uma tela gigantesca, onde o pintor mais inventivo esgotou as combinações dos arabescos e das tintas.

« E tocando, estreitando, enlaçando, enredando tudo isto; florindo, trepando, guarnecendo todas as arvores; torcendo-se em volta de todos os troncos, debruçando-se em festões de todos os braços virentes, a familia immensa e original dos cipós, a granadilha, o caladio, o dracontio, as begonias, as baunilhas, sem contar os fétos, as lichens e os musgos diversissimos.

« No meio desta profusão, quem pôde já adivinhar á que ramo, a que arvore e a que planta pertencerão as flores em que os pés se enterram? Olhai em detalhe? Vêdes surgir do terreno pantanoso, em grupos apertados, as agigantadas e formosas flores elypticas da heleonía, que chegam às vezes a medir oito a dez pés de altura, ornadas de flores extravagantes, côr de fogo e vermelho escuro. Na bifurcação dos ramos nas arvores maiores achais as bromellias enormes, cuja flor se talha em espiga ou em paniculo, de um escarlate purpúreo. D'alli pendem meadas de raizes, grossas como cordas, que vêm arrastar pelo chão e abraçar novos troncos.

« Que poderemos dizer mais, se a estas riquezas de vegetação juntaes uma população variada e sonora de aves, como não ha outra em nenhuma parte do mundo, flores animadas que, reproduzindo todas as côres, modulam todas as notas, desde o guará de plumagem ignea até ao beija flor, que tambem merece o seu nome poetico, sem fallar nessas especies mais conhecidas na Europa que ajudaram a revelar-lhe as maravilhas do novo mundo? Não vêdes aquelle povo allado, saltitante, harmonioso, dourado em reflexos metalicos aos raios do sol nascente? Dizei se não tendes agora completo o quadro, completo pela vossa imaginação, a quem offerecemos este esboço? Dizei se diante de tanta grandezza e perfeição, vos não sentis tomados de um religioso respeito? Dizei se, admirando a sabedoria e o poder divino, que tantas cousas fez umas para as outras, e todas para vós, principe da criação, dizei se não sorrides do incredulo, compadecido delle, e, elevando o espirito, não confessais o Senhor?

* O Sr. Adolpho Varnhagen, em sua *Historia geral do Brasil*, diz que Pernambuco se deriva de *Paranámbuco*, nome composto de dois — *Paraná* — que significa mar, e *Mók* ou *Mbuk* que significa braço, vindo portanto significar toda a palavra — Braço de mar.

« Admirai, e ser-vos-ha necessidade o sentir; senti, e ser-vos-ha necessidade o crer! »

Basta! não mais nos é licito accrescentar, é tudo quanto se pôde dizer do esplendor da natureza! E' um estrangeiro quem falla, e tanto basta para não ser taxado de pretencioso e interessado.

Agora vejamos qual era o povo, que tinha a felicidade de habitar tão bello ninho.

(Continúa.)

FOLHETIM

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTE I

(Continuação)

CAPITULO II

VALERIA.

Separando-se do barqueiro, o patricio Decio Fulvio dirigio-se ás fraldas do Aventino, e parando ao limiar de uma casa de modesta apparencia, empurrou-lhe a porta e penetrou no *ambulacro*, em meio do qual em cima de uma parede via se pintado um enorme cão, a cujos pés estava escripto em caracteres cubitae: *Livra-te do cão*. Do *ambulacro* duas portas dava ingresso para o interior da casa; encostado a uma dellas estava um criado, que á presença do joven patricio sorriu-se; e depois, indigitando uma escadaria de marmore, disse-lhe:

— Encontrareis a senhora na camara branca, aonde costuma receber os amigos.

O patricio subio a escadaria n'um abrir e fechar d'olhos; e tendo atravesado muitas salas decoradas com grande simplicidade, parou ao umbral da camara á que os habitantes da casa chamavam *branca*; e na verdade ella bem merecia tal nome, por isso que brancas eram as suas paredes cobertas por alvissimo estuque. No tecto, arrimado por grossas traves de madeira, entre um intervallo e outro, viam-se esculpidas diferentes aves, e o pavimento de branco marmore parecia um espelho. Se a camara achava-se de todo privada daquelles moveis preciosos, que adornavam as casas dos patricios romanos,ahi reinava a ordem mais perfeita e o maior asseio.

Uma senhora já de idade e de magestoso aspecto fiava á luz de uma lampada de alabastro; tinha uma capa de lã parda guarneecida de uma orla negra, e tinha ao cõllo uma cadeazinha de prata, da qual pendia uma cruzinha de madeira.

Ao rumor dos passos do joven, ella ergueu a cabeça; e collocando a mão sobre os cilios para livrar os olhos dos reflexos da luz que impediam-na de ver o patricio, disse sorrindo-se e com voz benevola:

— Bem appareceis, Decio Fulvio! Julgava que já não sabias o caminho que conduz a minha casa.

— Não procurarei um pretexto para desculpar a minha longa ausencia, respondeu Decio em tom faceto, assentando-se junto da senhora.

— Estou brincando Decio, e tu sabes que os filhos prodigos são bem recebidos na minha casa, respondeu a matrona; e começando de novo a fiar, accrescentou: Tu és um mancebo prudente; frequentemente Jeronymo me falla de ti, e conheço que, não seguindo o exemplo dos teus coevos, desprezas os frivolos e criminosos prazeres.

— Não mereço o teu elogio, ó Asella, respondeu Decio com modestia.

Por um instante a matrona e o patricio emudeceram; depois accrescentou Asella:

— O tempo deve-te parecer bem curto, por isso que fazes bom uso delle.

— Nem sempre: o estudo das leis romanas não é tão breve nem tão delectavel quanto presumes. Momentos ha em que no meio dos meus pulverulentos manuscritos a minha imaginação juvenil se entorpece; e embora joven, na flor da existencia, me considero um velho decrepito.

Asella arredou a vista do fuso, e com olhar escurador fitou o mancebo, que pronunciára estas palavras com voz tristissima, e que continuava a dizer:

— O isolamento em que vivo é me enfadonho; se tivesse um parente, a minha existencia não seria tão insípida; mas eu vejo-me sozinho no mundo; os meus contemporaneos escarnecem da minha seriedade; por prudencia os evito, porque a paciencia humana pôde esgotar-se, e eu sou homem e não um anjo. Muitas vezes recreio-me praticando com Jeronymo; as palavras daquelle sabio reestituem a calma ao meu coração, mas nem sempre me é dado vê-lo. Todos me fogem; esta tarde offereci a minha casa a um pobre barqueiro e elle recusou-a...

— A companhia de um barqueiro não te serviria muito de consolação, disse Asella sorrindo.

— Enganas-te, respondeu Decio, pois elle falla a linguagem de um homem de engenho elevado.

— Onde o conhecestes? perguntou Asella.

— Ha dous annos que o vi pela primeira vez. Eu atravessava o Tibre seguindo uma matrona e um menino, ambos estranhos para mim. O menino ao contemplar o rio, nelle cabio; quera salvar o, porém, mais ligeiro do que eu, o barqueiro precipitou-se n'agua e o conduziu livre de perigo para a margem. A matrona quera recompensar generosamente o velho, mas elle recusou bruscamente. Desde aquelle dia tornei-me amigo delle; a sua companhia me seria muito aprazivel. Mas parece que estou destinado a viver só.

— A tua mãe fazia os mais fervidos votos afim de ver te consagrado á Deus, porém já que não abraçaste o sacerdocio, nem por isso deves torcer a tua vocação; escolhe, portanto, uma virtuosa companheira, e reparte a vida com ella.

O patricio suspirou profundamente, depois passou a mão por entre os negros cabelos, e disse, como que querendo persuadir-se a si proprio:

— Sim, o homem deve escolher uma companheira sabia e virtuosa; a existencia passada ao lado de uma mulher estúpida deve ser insupportavel... Mas nem sempre o coração segue os dictames da razão.

— O coração, disse Asella balançando docemente a cabeça, o que tu chamas coração é o grito das paixões rebeldes; porém a bondade divina outorgou ao homem o poder de refreá-las.

Decio inclinou a cabeça sobre o peito, e permaneceu silencioso; e a matrona, collocando sobre uma mesa de marmore a róca e o fuso, replicou:

— Não é muito tarde, porém eu me agasalho cedo para despertar com a aurora.

O mancebo comprehendendo o que ella queria dizer, e já se preparava para retirar-se; porém voltou e disse exitando:

— Quero confiar-te o segredo de meu coração, mas falta-me a coragem precisa...

— Falla, filho, tudo quanto te diz respeito me interessa mais do que suppoes, respondeu Asella.

— Ver-nos-hemos de novo, ver-nos-hemos de novo, disse Decio sabindo da camara; e ao afastar-se da casa da boa Asella Camilla, dizia consigo:

— Não é tarde ainda, os meus livros me esperam; bemditos livros que apartam de minha mente todo e qualquer pensamento melancolico, e me afastam do presente, fazendo-me olvidar o mundo em que vivo!

Pronunciadas estas palavras, o patricio retira-se em silencio; e para logo vio-se em um espaçoso caminho, que do monte Aventino conduzia ás fraldas do monte Celio, onde residia; e adiantando-se ainda um pouco, chegou á uma casa bellissima, cujo vestibulo resplandecia illuminado por muitas luzes. Decio parou tremulo á porta, que do vestibulo communicava com a casa; e naquelle momento o harmonico preludio de uma cithara chegou-lhe aos ouvidos. O som continuava,

ora fêbil e triste, ora forte e vibrante, como se o harpista quizesse quebrar as cordas do instrumento; aquella harmonia semelhava o dolente gemido de uma alma afflicta, ou o grito frenetico da mais desenfreada orgia.

Decio suspirou, e ficando indeciso por instantes, não sabendo que fazer, penetrou no portico que se abria, circundado por um grandioso perystillo de pórfido adornado de bellissimas estatuas de bronze. De portico uma escadaria de marmore conduzia ao andar superior, e naquella noite estava illuminada, mais do que nunca, por muitas luzes, que scintillavam em grandes candelabros de bronze dourado. Nos primeiros degrãos estavam sentados dous escravos vestidos de branco e coroados de flores, um dos quaes, á presença do patricio, ergueu-se e o precedeu, afim de annuncial-o.

Decio Fulvio seguia o escravo, que fêl-o atravessar muitas camaras, cuja magnificencia parecia a das principaes familias dos patricios. Em toda a parte estavam as paredes cobertas de baixos relevos e de pinturas mythologicas; o pavimento de mosaico representava caçadas, lutas de gladiadores e jogos de *naumachia*. A agua esguichava de graciosos tanques de alabastro oriental, e por toda a parte viam-se colossaes estatuas gregas, ricos leitos triclinarios, tavolas de madeira, marchetada de marfim ou de prata, emfim muitos objectos de bellas-artes, de grande preço, e muitos moveis preciosos da moda.

Decio acompanhava lentamente o criado, e com os olhos carregados e o olhar ameaçador, contemplava aquelle voluptuoso luxo, que lhe não era estranho, e que elle sempre desprezava, reflectindo que de uma hora para outra aquelles que arrelavam-se com tanta magnificencia podiam ser arrojados por desalmados credores á um miseravel tugurio; e então o desprezava ainda mais, porque cotejava aquella voluptuosa pompa com a casta simplicidade da casa de Asella.

Depois de ter atravessado muitas salas, o criado correu a adamacada cortina de uma porta semi-fechada, e fez signal ao patricio para que entrasse na estancia contigua. Esta estancia era menos grande, porém mais sumptuosa, que todas as outras; ella trescillava um perfume de cinamomo, tão activo que tolhia a respiração á quem quer que com elle não estivesse acostumado. A joven chamada Valeria, que no capitulo precedente vimos atravessar o rio, ahi se achava á commodo sobre um macio leito; ella usava uma longa capa azul, recamada de candidas flores, preciosas voltas de perolas orientaes adornavam-lhe o collo e os braços, e seus bastos cabellos negros estavam cingidos por um diadema de esmeraldas.

Não distante da joven conservava-se de pé um pygmeu, esquisitamente vestido, agitando de quando em quando um leque de pennas de pavão, com que refrescava o rosto de sua senhora. Aquelle infeliz, para quem a natureza fôra madrastra, tinha os cabellos grisalhos; o seu rosto, porém, era menos bronceado do que parecia á primeira vista, pois a expressão de intelligencia, que lhe brilhava nos olhos, e a tristeza de seu semblante attenuavam-lhe a deformidade.

Uma aia, sentada ao chão sobre um divan de purpura, afinava a cithara de Valeria; e tres dançarinas, com as melenas coroadas de hera, estavam em meio da camara, promptos para começar a dança.

A' presença de Decio, cujo rosto era mais pallido do que nunca, Valeria fez um gesto de desgosto; depois, sorrindo maliciosamente, convidou o patricio á sentar-se, e tomando da cithara preludiou a harmonia de uma dança animada.

As dançarinas entraram a saltar, comprehendendo a intenção da maliciosa joven, que pretendia importunar a Decio, que, como ella bem sabia, não precia a dança; mas o patricio não se deu por achado. Serio, como sempre, cruzou os braços sobre os peitos, fectando com olhar distraído as dançarinas. Valeria, porém, enfasiou-se logo de tocar, e entregando a cithara ao homunculo, ordenou ás dançarinas que descançassem; depois, voltando-se para Decio, disse-lhe sarcasticamente:

— Não esperava a tua visita, ó sabio patricio, e

agora mesmo julgava-te em meio de teus poentos manuscritos.

— Não se espera nunca uma visita importuna, mas eu aqui vim á fallar a teu irmão, respondeu Decio com o maior sangue-frio.

— Não tenho o dom de escolher o tempo propicio; é esta a hora em que Marcello costuma sentar-se á mesa, se bem que não tenha voltado ainda; mas não importa, far-lhe-has companhia, fallando-lhe com a taça em punho.

— Obrigado. O que devo dizer a teu irmão, não se pôde dizer em um banquete, tornou Decio bruscamente.

— Não o duvido, pois não tens costume de te alegrares, disse Valeria sorrindo; depois, refreando o riso, accrescentou:

— És triste como um tumulo, e fallas sempre de morte; eu não penso nisso, imita-me; se aprouver á parca cruel cortar o fio de meus dias, tanto melhor, ao menos não verei a minha luzidia com a embranquecer, nem o meu rosto enrugar-se. Quanto ao que vier depois... não penso nisso para não entristecer como o teu semblante, ó patricio.

Decio contemplava a joven, cujo lindo rosto entristecera de improvisio.

— Desterremos estas funestos pensamentos, replicou Valeria, meneando a cabeça. Seu moço, rica, um futuro feliz me espera, e...

As palavras de Valeria foram interrompidas por um longo gemido produzido pelo oscillar da cithara, que o pygmeu distraído deixara cahir no chão.

Encolerisada, a joven apunha o alaúde, e com elle dá uma pancada na cabeça do misero; mas, reprimindo os seus impetos, envergonhou-se de se ter entregado de tal modo á ira; depois, limpando sorrateiramente as lagrimas, dirigio-se á Decio, e, com mão modo, lhe disse:

— Marcello demora-se mais do que é de costume, tens que esperar o muito.

Decio percebeu que a sua presença era incommoda á Valeria, ergueu-se agastado e com gravidade, e já se dispunha a partir quando na sala contigua ouviu-se o ruido de muitas vozes. Era Marcello que, acompanhando de tres jovens patricios, entrava na camara.

Com aquella cortezia propria dos romanos quando fallavam á uma dama, Marcello aproximou-se da irmã para dizer-lhe:

— Nossos pais costumavam trazer as sombras * aos festins, á que eram convidados; eu os imito: espero que as minhas sombras sejam bem recebidas por ti.

Valeria estendeu a dextra aos convidados em signal de cortezia, e Marcello, reparando a presença de Decio Fulvio, exclamou:

— Por aqui, imberbe Platão! Que propicia estrela te guiou á minha casa?

Decio não se sorrio á este insulso gracejo; e collocando a mão no hombro de Marcello, lhe disse seriamente:

— Segue-me, tenho que fallar-te.

Marcello obedeceu, contrariado; pois o character severo de Decio lhe impunha respeito, máo grado seu.

Junto á sala vizinha, Decio parou, e, contemplando com enfado o seu amigo, disse-lhe em tom reprehensivo:

— Não te julgava capaz de expôres a tua irmã á sociedade de tres libertinos amigos.

Marcello estremeceu de indignação, ficou pallido, e com voz suffocada pela colera, respondeu:

— Salvaste-me a vida, isto porém não te deu o direito de me increpares, como se eu fosse uma criança. Onde quer que eu esteja, a minha irmã está em seguro, porque sei fazê-la respeitar.

— Sim; mas poderas tu impedir que seus ouvidos escutem os discursos, que a embriaguez do vinho ar-

* Era licito ao convidado apresentar-se á um festim com um ou mais amigos não convidados; os quaes, chamados *umbre*, eram sempre bem recebidos pelos donos da casa!

rancar de vossos labios? Poderás tu fazer com que aquella alma virginal não receba as impressões das vossas maximas depravadas?

Marcello inclinou a cabeça sobre o peito, ficou meditando; depois, esfregando a fronte, balbuciou confuso:

— E' verdade, tens razão; mas isto não succederá outra vez, eu t'o juro.

— Escuta-me, redarguiu Decio; aqui vim para fallar-te, mas escolhi um momento impróprio; retiro-me, pois, que não quero ser por mais tempo objecto de incommodo para tua irmã. Amanhã, ao escurecer, te espero em minha casa. Vás?

— Sem falta, respondem Marcello.

— Promettes? insistiu Decio.

— Sim, eu t'o prometto, disse Marcello com impaciencia; depois, dando as costas ao amigo, voltou á camara cantolando, onde aguardavam-n'o seus companheiros de crapula.

— Só a desgraça poderá corrigir aquelle coração desregrado, dizia Decio, afastando-se daquelle casa em que seus conselhos eram desprezados e importuna a sua presença.

(Continúa.)

AOS JOVENS REDACTORES DO ENSAIO *

(A PATRIA VOS CONTEMPLA)

Que brilho, que fulgor lá vos espera
P'ra cingir-vos de luz a fronte bella
No capitolio da gloria!

A patria gravará em letras de ouro
Vosso nome, mancebos, e em seu peito
Guardará vossa memoria.

Mais duravel que o bronze aurea corôa
Será o premio grande dos que vencem
Os agros do estudo.

O raio parte a rocha de granito,
Porém não murcha os louros da sciencia
Que sobrevive' a tudo.

O sol brilha ao nascer, ascende, ascende,
Chega ao zenith, e mais fulgente ainda
Aclara o universo:

Eil-o, porem, caminho do occidente,
Anuvia-se-lhe o brilho, e em breve o mundo
Em sombras deixa immerso.

Tal não succede com a luz da sciencia:
Começam pouco a pouco os seus clarões
No moço a alvorecer,
E á proporção que os annos se lhe augmentam
Novos fulgores traz, novas cascatas
De luzes faz nascer.

O astro de Minerva, meus amigos,
Jamais chega ao zenith, nem tem occaso,
E' luz que não se apaga.
Aquelle, que uma vez banhou a fronte
Em seus fulgores, vence a lei do olvido,
A propria morte esmaga.

* Agradecemos ao Sr. Dr. Albino Meira a offerta que nos fez da presente poesia.

Onvimos com prazer o brado de animação que nella nos dá, para que prosigamos na marcha encetada, attribuindo tão somente á benevolencia que o caracteriza, as esperanças que deposita em nós, fracos discipulos de Minerva.

Eia, o futuro já vos abre as portas
Da immortalidade: lá vos aguarda

Da patria o premio dino,
Em pedestal de bronze os vossos posteros
Serão em letras fulgidas gravados:

— Escorel, Capitolino.

Recife, 20 de Agosto de 1875.

MEIRA.

O AFRICANO

..... And in my choice,
To reign is worth ambition, though in Hell;
Better to reign in Hell, than serve in Heaven.

(J. MILTON, *Paradise Lost*).

Pobre escravo! Subtraído,
Sem pena, ao torrão natal!
Da sua Africa trazido
Para aqui, só por seu mal!
Tão longe da sua gente,
Condennado eternamente
A' trabalho insano, ingente,
A' trabalho sem igual!

Triste conscripto da sorte!
Que sorte! que padecer!
Oh meu Deus! mais vale a morte
Que tão pesado viver;
Tão longe, aqui, só consigo,
Sem um parente, ou amigo,
Onde ha de achar um abrigo?
Onde ha de achar um prazer?

Distante da sua terra,
Distante do seu paiz,
Onde o seu *totum* se encerra;
— Tendo abatida a cerviz, —
Chorando na soledade
A perdida liberdade,
Oh que tristeza o invade!
Oh quanto é elle infeliz!

E elle lembra saudoso
O seu passado viver,
Quando livre, esperançoso,
Era lhe tudo prazer;
E se via nos seus lares,
Espirando aquelles ares,
Naquelles verdes palmares
Que nunca mais ha de ver.

Lembra a caça, os seus passeios,
A vida de caçador;
Lembra os seus ternos enleios
Nos braços do seu amor, —
Quando em devaneios vagos
Entre os seus sorrisos magos
Gozava dos seus affagos;
Bem descuidado amador!

E que sandades pungentes,
Que sandades de matar,
Entre estas estranhas gentes,
Então o vêm torturar!
Qual o doudo, qual o imberbo,
Descrendo talvez do Verbo,
Elle chora, e chora acerto...
Misero neto de Agar!

Chora, sim! chora essas éras
Ditosas, que já lá vão;
Chora as suas primaveras,
Chora o perdido torrão:
Chora os seus sóes calorosos,
Seus desertos arenosos,
Seus palmeiras tão verdosos...
Chora, sim! mas chora em vão!

Mal rompe nos céos a aurora,
Grita o *senhor*, que algoz lhe é...
E o triste, que em vão se chora,
— *Captivo* — eil-o já de pé;
Ao labor! Nesta pujança
Morreu-lhe toda a bonança,
Já abandonou-o a esperança,
Já expirou-lhe a crença até.

Agora, tão desgraçado,
Existe por existir!
Curvo á tão iniquo fado,
Só tem males a carpir;
Ai, como mudou se tudo!
E o *senhor* diro e sanbudo
Elle soffre sempre mudo,
Sempre a voz a reprimir.

Nem siquer (pobre Africano!)
A liberdade elle tem,
De ás offensas do tyranno
Responder, fallar tambem!
E' padecer, e — cala-lo..
Quando não, ai! desgraçado!
Será em breve açoitado
Com toda a ira e desdem.

Eu o vi... triste, sem gosto,
Co'a dura enxada na mão,
Ao sol do deserto exposto,
Cavando incessante o chão;
E o vil *feitor* inflexivel
De vez em quando, insensivel,
O azorrage terrivel
Vibrando sem compaixão!!!

Tudo perdeu. Hoje, em tanto
E tão pesado labor,
Morreu-lhe da vida o encanto,
Foi-se-lhe todo o vigor;
Coberto de cans, d'outr'ora
Chorando os dias embora, —
Que resta ao misero agora?
Que resta senão a dôr?

Curvado á vigilia enorme,
E á diaria provação,
A' noite, quando elle dorme
Sobre o duro e frio chão,
Que grata idéa o assalta!
A Africa a mente lhe esmalta;
Como todo elle se exalta!
Dos sonhos na confusão!

Mas pouco duram, bem pouco,
Os contentos do infeliz;
Breve esvai-se o sonho louco,
E elle, o triste, se maldiz!
Desperta; e co'anciedade
Conhece então a verdade,
A dura realidade
Com seu ferrenho cariz!

E' tudo perdido agora,
E' tudo perdido já;
Té a esperança d'outr'ora
Já merren de ver-se lá,
E ser livre novamente,
Ver de novo a sua gente,
E naquella zona ardente,
Morrer co'os seus acolá.

Humilhado eternamente!
Preso por eterno nó!
Comer de ração somente!
Viver tão mesquinho e só!
Grosseira estôpa vestindo!
Chorar quando os mais 'stão rindo!
Andar em soffrer lofundo,
Trapilho que causa dó!

E não ser levado em conta,
Soffrer toda a humilhação,
E affronta por sobre affronta,
— Autômato, sem acção;
Mil injustiças, mil dôres,
E desprezos e rigores...
Oh quanto é cheia de horrores!
Quanto é dura a escravidão!!!

E Deus fez isto? — Mentira!
Não, Deus escravos não fez;
Isto obra foi só da dira
Ambição, da malvadez.
Oh que fera iniquidade!
Usurpar tão sem piedade
Dos outros a liberdade...
Oh que nefanda dobrez!

Oh malditos os tyrannos,
Que (por instincto ruim)
Condemnam tão inhumanos
Seus semelhantes assim!
Malditos! sempre malditos!
Que em vél-os tristes e afflictos
Se comprazem, e á seus gritos
Se riem, — malditos, sim!

Misera Africa, que sorte
Aguardava os filhos teus!
Chorando, errantes, sem norte,
A falta, a ausencia dos seus...
E sempre cheios de susto,
Vegetando tão á custo...
Mas ah! Deus é grande e justo,
Espera, confia em Deus.

Arremessado no abysmo,
Esmagado, em confusão,
O ferrenho despotismo
Que hoje te forja o grilhão, —
Inda um dia a liberdade
Ha de em toda a magestade
Te sorrindo co'amizade
Abolir a escravidão.

1868.

A. V.

IMPrensa

Agradecemos cordialmente aos jornaes diarios desta capital a recepção animadora, que fizeram ao nosso humilde periodico, e promettemos envidar todos os esforços para tornal-o digno dos elogios e da aceitação publica que teve.

Fomos obsequiados com o 2º e 3º ns. do *Estudante Catholico*, periodico religioso, forte e incansavel defensor da santa religião do Calvario.

A' elle, como a *Lucta*, de cuja redacção recebemos os ns. 11, 12 e 13, agradecemos a boa recepção que nos fez.

Somos tambem gratos á *Voz do Povo*, periodico democratico, pela remessa dos seus dous primeiros numeros, assim como pela noticia lisonjeira que deu do nosso jornal.

Recebemos tambem, além destes, o *Culto as Lettras*, o *Progresso*, o *Echo Litterario*, o *Encouraçado*, a *Mocidade*, o *Linguarudo*, a *Mãi do Linguarudo* e a *Navalha*.

A' todas estas redacções somos gratos e retribuirmos com o nosso jornal.